

**(RE)LER SAUSSURE HOJE OU A ESCUTA DE ECOS DISCURSIVOS NA
CONCEPÇÃO DA CIÊNCIA LINGUÍSTICA**

Jefferson CAMPOS¹

Ederson Luís SILVEIRA²

Flávia ZANUTTO³

Resumo: Neste artigo, buscamos apresentar a percepção das relações entre Saussure e a Análise do Discurso de linha francesa. Com a descoberta de novos manuscritos do linguista e com a publicação de *Écrits de Linguistique Générale*, muitos estudiosos que até então reconheciam o pai da Linguística contemporânea assentada no estruturalismo com o corte epistemológico característico e exclusão da fala, do sujeito e da história, viriam a conhecer outro Saussure. O presente trabalho vem somar-se a outros que buscam trazer debates que não podem mais ser ignorados, a fim de tornar possíveis atualizações acerca das ressonâncias discursivas tomadas a partir dessas problematizações.

Palavras-chave: Linguística Contemporânea. O outro Saussure. Análise do Discurso.

Résumé: *Dans cet article, nous cherchons à présenter la perception de la relation parmi Saussure et l'Analyse du Discours française. Avec la découverte de nouveaux manuscrits de la linguiste et avec la publication des Écrits de Linguistique Générale, de nombreux chercheurs qui, jusqu'ici, ont reconnus le père de la Linguistique moderne de consolidé sur le structuralisme à la coupure épistémologique caractéristique et sur l'exclusion de la parole, du sujet et de l'histoire, étaient à rencontrer d'autre Saussure. Ce travail est en outre à ceux qui cherchent à amener des débats qui ne peuvent plus être ignorés afin de faire les mises à jour possibles sur les résonances discursives prises à partir de ces problématisations.*

Mots-clés: *Linguistique Contemporaine. L'autre Saussure. Analyse du Discours.*

¹ Professor da Faculdade Metropolitana de Maringá - UNIFAMMA, Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, doutorando pela mesma instituição e membro do Grupo de Estudos em Análise do Discurso (GEDUEM-UEM/CNPq). Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: jeffersoncampos@geduem.com.br

² Mestrando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, pós-graduando em Ontologia e Epistemologia e graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG (RS). É membro do Grupo de Estudos em Territorialidades da Infância e Formação Docente (GESTAR/CNPq). Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: ediliteratus@gmail.com

³ Professora da Universidade Estadual de Maringá – UEM, Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP – Araraquara; Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: flazan@uol.com.br

O saussurianismo na ordem da ciência linguística

Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância. Essas formas prévias de continuidade, todas essas sínteses que não problematizamos e que deixamos valer de pleno direito, é preciso, pois, mantê-las em suspenso. **Não se trata, é claro, de recusá-las definitivamente, mas sacudir a quietude cora a qual as aceitamos; mostrar que elas não se justificam por si mesmas, que são sempre o efeito de uma construção cujas regras devem ser conhecidas e cujas justificativas devem ser controladas [...]** (FOUCAULT, 2008, p. 28, grifo nosso).

Em 2007, tivemos o sesquicentenário do nascimento de um dos principais nomes reconhecidos no âmbito dos estudos da Linguística contemporânea — Ferdinand de Saussure (1857-1913) — ocasião que coincidiu com o centenário do primeiro *Curso de Linguística Geral* (1907). Não podemos deixar de mencionar, neste contexto, que ainda que seja celebrado como pai da Linguística moderna, os debates em torno do pensamento saussuriano fazem com que este entre em colapso. Isso ocorre devido aos (des)vãos da historiografia da ciência linguística no instante em que querelas acadêmicas colocam em xeque o tão comentado corte que Ferdinand de Saussure efetua sobre a língua para estudá-la e, principalmente, para construir o objeto de estudo que possibilitou a constituição e a legitimação da Linguística como ciência piloto situada, em relação às ciências humanas em geral, no bojo do estruturalismo.

É sabido, desde os primeiros passos dados no campo de estudos da língua, que Saussure é uma espécie de figura mítica, quase profética, diríamos, sobre a qual devotamos nossa atenção para aprender-lhe os vaticínios mais decisivos. Enquanto lugar comum a todos os estudiosos da Linguística contemporânea visitar-lhe as palavras fundadoras é dar-se como barro suscetível à corte de navalha, corte que o mestre genebrino não se cansa de efetuar a cada retorno as suas palavras (até então sem vacilos, decisivas, concluídas). Compreender-lhe por meio de seu *Cours de Linguistique Générale* (1916)⁴, oportunamente referenciado como CLG, doravante, é (ou fora?!) tarefa imprescindível para (o) dizer(-se) linguista.

Em se tratando, porém, do aparecimento (não tão recente) de seus próprios escritos e não aqueles das notas de estudantes que presenciaram o seu curso (*Écrits de Linguistique*

⁴ CLG daqui em diante.

Générale)⁵, coloca-se em suspeita o reconhecido oráculo da ciência linguística, perturbando-lhe a unidade autoral, seu efeito de verdade e o próprio paradigma sobre o qual se erigiu a Linguística fundada no CLG.

Aposta de Saussure: esse carnaval da linguagem deixa-se organizar por uma lei, e é, pois, possível encontrar em meio a tanta dispersão "uma ordem natural". Surge então o **abre-te sésamo**, a palavra que, enfim, abrirá as portas para os segredos e os tesouros da linguagem: "E preciso colocar-se primeiramente no terreno da **língua** e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem" (LOPES DA SILVA, 2001, p. 292, grifo do autor).

No que toca ao cerne das questões suscitadas em tom de polêmica, o CLG é tomado como paradigma editorial marcado, sobretudo, pelo estigma de apócrifo. Como posição veementemente assumida por Simon Bouquet, essa afirmação baseia-se no fato de, no movimento de editoração das notas de um dos alunos de Saussure, o trabalho tenha seguido não o rigor de uma edição, mas o de uma espécie de autoria apócrifa. Nesse tom de acidez corrosiva, como bem observa Lucília Romão (2011), Bouquet (2009) defende a tese de que as palavras do mestre fundador são cortadas, editadas e sistematizadas a favor de interesses que extrapolam o perpetuar da voz saussuriana.

Com o passar do tempo, diversos questionamentos endereçados ao CLG, em razão do aparecimento de ELG, assumem, paulatinamente, um interesse inquietante de diferentes vertentes da Linguística moderna. Destacaríamos, especialmente, a leitura que estudiosos do campo dos estudos do discurso vêm fazendo em relação aos escritos saussurianos. Com o cuidado mais que necessário exigido pela prática analítica dessas novas fontes, muitos analistas do discurso vinculados a grupos de pesquisa na França e no Brasil interessam-se pelo tom vanguardista assumido pelas anotações de Saussure no que tange à compreensão de questões de língua que ultrapassam a perspectiva estruturalista tão fortemente marcada na produção saussuriana do CLG. Cogita-se, de alguma maneira, a possibilidade de existência de teorização saussuriana em torno do objeto discurso (não como o foi desenhado no processo de editoração do CLG, mas na acepção de discurso tal como vem sendo trabalhada e discutida desde Pêcheux e seu grupo).

⁵ SAUSSURE (2003). Será referido como ELG daqui em diante.

Nesse caso, o nomeado *Cours* atribuído a Saussure poderia ser considerado um dos maiores embustes da historiografia linguística? Seria correto afirmar, então, que devemos abandonar as palavras decisivas corporificadas no CLG? Deveríamos abandonar o Saussure (construído) estruturalista para conhecer o outro Saussure, o discursivo? Em que medida o Saussure apresentado por si mesmo em seus *Écrits de Linguistique Générale* ressoa como dizeres *avant gard* sobre o que se configurou na virada dos 1960-1970, na França política e cientificamente efervescente, como Análise do Discurso⁶?

No presente texto, ensaiamos algumas reflexões acerca das duas produções ditas saussurianas, razão por que este tenha um caráter mais teórico-reflexivo que propriamente analítico. Por um lado, visamos abarcar considerações que estabeleçam uma historicidade de ambas as produções. Por outro, a partir do delineamento da noção de valor (talvez uma das contribuições mais significativas de Saussure), buscaremos compreender de que maneira essa nova leitura abre caminhos para o que, muito precocemente, tem se chamado de uma teorização saussuriana do discurso.

Não pretendemos, especificamente, responder aos questionamentos anteriormente mencionados, mas sim, lançar luzes sobre o debate iniciado no campo acadêmico para, de alguma forma, mantermos uma relação menos ingênua, seja a partir dos posicionamentos assumidos, seja em relação à importância de ambas as produções ditas saussurianas para os estudos da linguagem.

Metonímias de um (pseudo)pensamento saussuriano

Se em lugar anterior dissemos que paira sobre Saussure uma espécie de aura mítica, de voz profética cujo trabalho foi fundamental à instituição dos paradigmas que consolidaram a Linguística como ciência piloto, cabe considerar Charles Bally e Albert Sechehaye os primeiros apóstolos da doutrina saussuriana. Esses dois estudiosos foram responsáveis pela organização e sistematização das notas de um dos alunos que compunham o público seletivo e atento aos três cursos ministrados por Saussure na Universidade de Genebra, entre os anos de 1906 e 1911, que, a partir do ano de 1916, se tornaria uma das mais influentes obras do início

⁶ AD daqui em diante.

do século XX: o CLG. Assim o dizemos pelo alcance e extensão dos fundamentos do CLG em outras áreas do conhecimento, como base epistemológica do Estruturalismo. À frente de sua época, embora não tivesse encontrado eco para seu pensamento, como lembrado por Signori e Baronas (2011), o Saussure do CLG é denominado como o pai do Estruturalismo.

A acolhida da edição do CLG organizada por Bally e Sechehaye fora imediata e teve repercussão positiva na academia. Intocado, ovacionado, canonizado, o CLG passa a circular como uma espécie de efeito⁷: efeito de verdade, efeito de cientificidade, **efeito Saussure**. É assim que Claudine Normand (2009) define os possíveis efeitos de sentido produzidos através (da enunciação) das palavras de Saussure sobre seus ouvintes. É assim que suas palavras editadas atingem o público órfão do pai da Linguística.

As palavras ilegíveis, os pensamentos interrompidos nas/das notas não concluídas dos alunos do curso, ao serem restituídos sobre o trabalho de sistematização de Bally e Sechehaye, constituem, pois, uma espécie de metonímia do pensamento saussuriano. O alcance da totalidade, originalidade e efervescência dos cursos de Saussure são (entre)vistos nas repetições e cortes que constituem o CLG. Uma espécie de parte condensada, de palavras-síntese, cujo referente é um pensamento fundador, um todo significante, uma palavra robusta ou, justamente como o desejou a academia, um efeito Saussure.

Porém, com o aparecimento, leitura, divulgação e, portanto, (re)surgimento de Saussure na pauta da Linguística, como compreender a importância daquilo dito dele no CLG? Ou, para além disso, como receber o que de agora em diante diz-se dele por ele mesmo?

⁷ Sobre efeito de sentido, cabe o verbete do Glossário de Termos do Discurso (FERREIRA, 2001, p. 14, grifos da autora): “Diferentes sentidos possíveis que um mesmo **enunciado** pode assumir de acordo com a **formação discursiva** na qual é (re) produzido. Esses sentidos são igualmente evidentes por um efeito ideológico que provoca no gesto de **interpretação** a ilusão de que um enunciado quer dizer o que realmente diz (sentido literal). É importante registrar que Pêcheux (1969) define discurso como efeito de sentido entre interlocutores”.

Dissonâncias entre o CLG e os ELG

Inicialmente, o peremptório é que, “[...] nessa obra [ELG], é a voz do próprio Saussure que prioriza a opacidade e a incerteza do linguista diante de seu objeto de estudo, a língua” (ROMÃO, 2011, p. 29). É também decisivo destacar o olhar vacilante do estudioso sobre o objeto dito cortado por ele. Em uníssono, Silveira (2007), Bouquet (2009), Normand (2011) e Romão (2011) nos informam que há uma distinção entre o Ferdinand de Saussure do CLG e o Saussure dos ECL. Ele se assusta com uma afirmação tão categórica quanto aquela que define a língua, *langue*, como o objeto da Linguística (ao menos, a essa de que estaria prestes a ser o fundador). Antes, Saussure prefere ousar, ousar a dizer, por si mesmo, que a ciência de que se ocupa é vasta. Eis a razão para que ela comporte “[...] duas partes: uma que é mais próxima da língua, depósito passivo, outra que é mais próxima da fala, força ativa e verdadeira origem dos fenômenos que se percebem em seguida, pouco a pouco, na outra metade da linguagem” (SAUSSURE, 2004, p. 273).

Dessa forma, se o Saussure do CLG defende categoricamente que o objeto da Linguística é a língua em si mesma e por si mesma, este outro Saussure é atento ao fato de a língua estabelecer-se para além de uma estrutura rígida, pois resvala, depende e coincide com a dualidade da estrutura pela qual se materializa, pelo acontecimento que desencadeia ao colocar em questão sua produtividade. Nessa ordem, as proposições sobre o signo linguístico em ambas as produções são cruciais para a compreensão das implicações do fato mencionado.

A maior contribuição do Saussure estruturalista foi a cisão do fenômeno linguístico, distinguindo língua e fala (sistema e uso), tomando o primeiro como objeto da Linguística. Simon Bouquet (2009) é categórico ao afirmar que tal “opção” nunca constituiu parte do pensamento saussuriano. Ao contrário, tratou-se de uma alteração das palavras do mestre genebrino, cuja formulação demonstrada nos ECL aponta para a ideia do signo linguístico posto sob brumas que tornam densa a relação não unívoca entre significante e significado. Esse caráter instável dos signos leva o Saussure dos ECL e o que se dedicara aos estudos de anagramas⁸ a iluminar a questão do sentido, razão para que a Linguística não se ocupe tão somente da estrutura da língua, uma vez que as coerções do sistema, sozinhas, não colocam aos estudos da língua a problemática do sentido. Ora, se o sentido de uma palavra excede e

escapa às determinações desse social antevisto no plano do significado do signo⁹, é válido concordar com suas análises dos anagramas, na qual o sentido é imprevisível, opaco; que, enquanto discurso, é dado sempre em relações de “palavras sob palavras”¹⁰.

O peso dessa constatação na obra saussuriana é elementar, por exemplo, para validar a discussão encetada por Haroche, Pêcheux e Henry (1990) sobre o lugar da Semântica nos estudos linguísticos. Se de Saussure a Benveniste os estudos do sentido foram relegados à margem dos estudos linguísticos, os ELG corroboram a visão de que, desde o berço, a ciência piloto esteve a serviço de um estudo afeto ao sentido, sobretudo pela onerosidade da questão na consolidação da materialidade do signo linguístico: sua esfera significante revestida de sentidos em relação a-. Como a tempo nos lembra Claudine Normand, não estava na agenda saussuriana uma preocupação especial com a questão do sentido. No entanto, em sua teoria, não é possível separar sentido de uma materialidade.

Mas, sem que uma teoria especificada como semântica dela se destaque, o sentido, como foi visto, é onipresente nos seus desenvolvimentos, pois é por essa primeira propriedade que são definidas as unidades linguísticas: elas só serão reais quando significativas para os locutores (NORMAND, 2009, p. 157).

Há, nesse caso, outra implicação muito forte nos desdobramentos da recepção do novo Saussure, aquela que perpassa a noção de valor. Na próxima seção, buscaremos, portanto, brevemente explicar sobre a noção de valor em ELG, o que promove direcionamentos distintos em relação ao conceito como é tomado no CLG.

⁸ Cf. Starobinski (1974).

⁹ Na análise de discurso de linha francesa de Michel Pêcheux, “[...] o sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo [significação], só pode ser constituído em referência às **condições de produção** de um determinado enunciado, uma vez que muda de acordo com a **formação ideológica** de quem o (re)produz, bem como de quem o interpreta. O sentido nunca é dado, ele não existe como produto acabado, resultado de uma possível transparência da língua, mas está sempre em curso, é movente e se produz dentro de uma determinação histórico-social, daí a necessidade de se falar em **efeitos de sentido**” (FERREIRA, 2001, p. 21, grifos da autora).

¹⁰ Starobinski, 1974.

A noção de valor no ELG: algumas incursões

Nos ELG, Saussure formula a noção de valor não como apenas uma relação de signo com outro signo no eixo paradigmático ou sintagmático de que deriva, atribuindo a essa relação o elemento distintivo no qual se fundamenta a significação de um signo. Isso porque, no CLG, a noção de valor funciona como um distintivo de cada signo em relação a outro signo (/p/ ≠ /b/ ou pico ≠ bico). Embora o mesmo Saussure (2004) e Normand (2009) partam dessa relação distintiva como geradora da noção de valor, “O valor de uma palavra só resultará da coexistência de diferentes termos. O valor é a contrapartida dos termos coexistentes” (SAUSSURE, 2004, p. 259), na teoria saussuriana apresentada nos ELG.

Conforme sustenta Simon Bouquet (2009), afirmar apenas isso se constitui em uma deformação do pensamento de Saussure, dado que, de tal noção, escapa o aprisionamento do valor *in absentia*. Para o estudioso, nos ELG a noção de valor é apresentada em complexidade melhor delineada, abarcando duas esferas de valor que concretizam, pelo menos, três fatos linguísticos: uma relação de valor procedente do arbitrário interno do signo, uma relação de valor procedente do arbitrário sistemático do signo e uma outra que procede da sintagmatização do signo. Nesses termos, o valor de um signo só faz sentido apreendido por sua semiologia, ciência que só se explica no limiar da relação da língua em funcionamento, o que coloca, sempre, uma instabilidade nas possíveis relações que um signo pode estabelecer seja consigo mesmo (em termos internos) e com os outros que o rodeiam (ROMÃO, 2011). Dessa forma, a questão da diferença em Saussure pode ser assinalada como um dos pontos-chave inseridos no interior dos estudos a ele atribuídos:

Quando Saussure diz que não existem signos e significações, mas sim diferenças entre estes, ele não quer abolir a existência de signos e significações, mas dizer que estes só têm sentido existencial na medida em que se correlacionam com outros signos e que a relação entre estes signos não aconteça de qualquer maneira, mas nas relações de diferença entre os signos que compõem o sistema linguístico. Ainda aí Saussure estabelece um paradoxo de existência do signo, no qual tal existência pode ser compreendida como solitária [um signo é aquilo que outro signo não é] e ao mesmo tempo inseparável entre signos e significações (LIMA e SILVEIRA, 2014, p. 139).

Vale ressaltar que, ainda no contexto de discussões acerca de Saussure, frequentemente articulada à noção de valor do signo linguístico, a questão da arbitrariedade do signo é, no CLG, conforme palavras de Simon Bouquet, uma “[...] criação de Bally e Sechehaye e, assim, sempre no contexto, como um conceito significativamente opaco” (BOUQUET, 2009, p. 171). Mais uma vez bastante ácido, o pesquisador dos escritos saussurianos destaca o excelente trabalho de criação de um Saussure decididamente confuso quanto as suas postulações. Trata-se, segundo ele, de apontar a desatenção dos autores/editores na compreensão da ambiguidade instaurada na relação semântica dos termos signo, significante e significado empregados por Saussure, em algumas passagens do CLG, em relação de sinonímia. Portanto, segundo Bouquet (2009), na teoria saussuriana, o arbitrário do signo é composto (tal como apresentado em uma das notas de Constantin, aluno de Saussure, na citação a que faz no CLG à página 171), por um lado, na relação da imagem acústica com o conceito que carrega e, por outro, do signo com outro signo.

O CLG e os ELG lidos pela AD: entre recepções e (des)confianças

Em Saussure, a partir do CLG, a língua tem uma materialidade própria, sendo percebida como um sistema fechado sobre si. Desse modo, ao operar através do corte epistemológico entre a *langue* e a *parole*, o mestre genebrino instaura as bases da Linguística enquanto ciência. Quando Michel Pêcheux e Jean Dubois, ao iniciar a disciplina intitulada Análise de Discurso, na década de 60, ao debater e se debater com a Linguística (a língua), com a Teoria das Ideologias (materialismo histórico, ideologia) e com a Psicanálise (sujeito, inconsciente) permitem-nos pensar em uma constelação de processos discursivos situados no bojo das problematizações que se instauram a partir daquilo que ficou conhecida como uma teoria não subjetiva do sujeito (ORLANDI, 2014). Sendo assim, ocuparemos, nesta seção, das problematizações acerca da Linguística percebida sob o viés da AD.

Se Haroche, Henry e Pêcheux (1990) atribuem o mérito da formação de uma ciência autônoma a Saussure, isso não ocorre sem que seja mencionado que todo um universo exterior da língua seja excluído, como, “[...] a ‘subjetividade na linguagem’ e a ‘ordem do discurso’” (PIOVEZANI, 2008, p. 08). Não é desconhecida a primazia que o estruturalismo saussuriano atribui à língua no escopo de investigações que são apresentadas a partir do CLG. Neste contexto, sobre a língua cabe acentuar que:

[...] torna-se possível estudá-la a partir de regularidades e, portanto, apreendê-la na sua totalidade (pelo menos é nisso que crê o estruturalismo), já que as influências externas, geradoras de irregularidades, não afetam o sistema por não serem consideradas como parte da estrutura. A língua não é apreendida na sua relação com o mundo, mas na estrutura interna de um sistema fechado sobre si mesmo. Daí ‘estruturalismo’: é no interior do sistema que se define, que se estrutura o objeto, e é este objeto assim definido que interessa a essa concepção de ciência em vigor na época (MUSSALIM, 2011, p. 102).

Ao excluir a fala, Saussure deixa de lado o exterior, as irregularidades, o terreno dos sentidos e o sujeito. Dessa forma, para Mussalim (2011), ao contrário de Saussure, Pêcheux considera que a significação não pode ser apreendida enquanto situada no interior de um sistema linguístico fechado sobre si, já que esta é da ordem da fala e do sujeito e não da ordem da língua, já que sofre alterações de acordo com as posições ocupadas pelos sujeitos que enunciam.

Na via de deslocamentos tecidos a partir da premissa de que é preciso pontuar a partir de estudos que vislumbrem a possibilidade de ir além da reprodução de sentidos já dados, obras como *La langue introuvable* (1981), *Análise do discurso: 3 épocas* (1983) e *Discurso: estrutura ou acontecimento?* (1983) se apresentam como louváveis. Sob inspiração psicanalítica, outra noção vai abalar a estrutura do sistema: o real da língua. Isso porque de acordo com François Gadet e Michel Pêcheux (2010, p. 55) “[...] o real da língua não é costurado nas suas margens como uma língua lógica: ele é cortado por falhas”. Neste contexto, sobre o real da língua, vale a pena trazermos à tona o verbete inserido no *Glossário de Termos do Discurso*, organizado por Maria Cristina Leandro Ferreira, do Instituto de Letras da UFRGS:

REAL DA LÍNGUA: Impossibilidade de se dizer tudo na língua. Série de pontos do impossível, lugar do inconsciente de onde o sujeito fala o que não pode ser dito. O termo real da língua é designado em francês como ‘lalangue’, o que corresponde em português a ‘alíngua’. Essa distinção terminológica expressa de um modo singular, já na grafia, a diferença existente entre a noção de língua, que é da ordem do todo, do possível, e a noção de real da língua (alíngua), que é da ordem do não-todo, do impossível, inscrito igualmente na língua. Esse termo veio da psicanálise, trazido por Lacan, e foi desenvolvido na linguística, sobretudo por Milner (1987), numa tentativa de nomear aquilo que escapa à univocidade inerente a qualquer nomeação, apontando para o registro que, em toda língua, a consagra ao equívoco. Na perspectiva teórica do discurso, torna-se fundamental uma noção de língua afetada pelo Real, pois isso vai permitir

operar com um conceito de língua que reconheça o equívoco como fato estrutural constitutivo e implicado pela ordem do simbólico (FERREIRA, 2005, p. 21).

Como podemos perceber através do verbete assinalado anteriormente, a Linguística pode ser tomada pela AD, desde que sejam levados em conta os atravessamentos deste campo pela psicanálise. Tomando o real da língua que a inscreve na ordem de uma não totalidade, temos então uma língua sujeita a falhas. Ora, falar em uma língua sujeita a falhas é promover a desestruturalidade da estrutura. Porque se a língua pode ser percebida como algo da ordem de alguma coisa, é porque ainda pode ser tomada como objeto de investigação. Mas se está sujeita a falhas, então não é da mesma língua que foi separada da fala, inserida em um sistema fechado sobre si, como no CLG, a que estamos aqui nos referindo. Mas engana-se quem pensa que isso faz com que Pêcheux abra mão de Saussure completamente, já que, para Authier-Revuz (1995), o pensador pode ser visto entre os estudiosos que pensam **com** Saussure, vislumbrando **ir além** dele.

A importância de pensar além de Saussure se apresenta basilar nos terrenos investigativos da AD, pois, desde o início, a disciplina está preocupada em contemplar o que foi excluído da abordagem saussuriana. Mas, como o que fica recalcado retorna de alguma forma, mesmo o exterior da língua não deixa de se instaurar nos escritos saussurianos e o real da língua passa a se fazer presente. Isso porque há segmentos na língua que não podem ser descritos sem a intervenção de um sujeito.

Quando, no capítulo referente ao valor linguístico do CLG, Saussure usa em uma das metáforas o exemplo de uma folha de papel em branco, cujos lados seriam o pensamento e o som, pode ser notado o retorno daquilo que foi recalcado (o exterior constituinte da língua). Ora, uma folha de papel que teria que ser cortada só o seria por uma força exterior que o fizesse. Que entidade fora do sistema é esta que incide sobre ele ao cortar a folha (tomando a língua enquanto estrutura)? Outra coisa que chama atenção é a primazia de um elemento sobre outro, afinal, como é que se define o que é verso e o que é a frente de uma folha de papel em branco? Também se pode perceber a presença de um exterior na metáfora das massas amorfas que são segmentadas em subdivisões contíguas marcadas simultaneamente nos dois lados “[...] sobre o plano indefinido das ideias confusas (A) e sobre o plano não menos indeterminado dos sons (B)” (SAUSSURE, 2006, p. 130). Desse modo, é interessante perceber como o exterior emerge mesmo no CLG:

Adicionalmente, o texto saussuriano deixa claro que nenhuma racionalidade dirige as operações que segmentam as massas amorfas ou as duas faces brancas da folha de papel. [...] Tudo se passa, assim, como se, a exemplo do que acontece com o mercado na perspectiva liberal, uma mão invisível dirigisse a ontogênese da *langue*. Não obstante, ao contrário daquela postulada por Adam Smith, a mão invisível saussuriana não vê o que faz. E, por assim dizer, invisível e **cega** (entendamos: com essas considerações, não queremos obviamente concluir que, para cada indivíduo, o corte se dá de uma maneira. Talvez o melhor fosse dizer que a mão é cega no sentido de que age como um operário em uma linha de montagem: ela repete, em cada indivíduo, o **mesmo** gesto cego). Cega, sim - ou, se quisermos utilizar um termo já mencionado, **imotivada** em suas ações (LOPES DA SILVA, 2001, p. 294, grifos do autor).

A esta altura, cabe lançar uma interrogação: os estudos discursivos baseados na AD francesa teriam abandonado Saussure ao ir além de suas postulações estruturalistas? De acordo com Orlandi (2014), a AD **debate** e **se debate** com três postulados teóricos principais, conforme mencionamos anteriormente. Isso significa que ao debater e se debater, a AD não concorda *ipsis literis* com as palavras e formulações do mestre genebrino. Isso não quer dizer que a inspiração saussuriana não esteja presente no bojo dos estudos deste campo, visto que se preservou o cuidado com estudos que se debruçaram sobre a ordem da língua, por exemplo. As preocupações com a língua se manifestaram desde a fundação da disciplina por Michel Pêcheux e Jean Dubois, conforme postulou Denise Maldidier (2014).

Na união de um filósofo e um linguista se dá a fundação da disciplina, portanto. Dubois, um linguista e lexicólogo preocupado com as emergências da Linguística de seu tempo, e Pêcheux, um filósofo envolvido em discussões acerca da epistemologia, do marxismo e da psicanálise. Para Mussalim (2011, p. 102), encontram-se no contexto do marxismo e da política, “[...] partilhando convicções sobre a luta de classes, a história e o movimento social”. Cabe destacar então a influência de Althusser (1974), para quem a linguagem emerge como lugar a partir do qual pode ser depreendido o funcionamento da ideologia.

Desse modo, inscrito em uma tradição marxista, o autor vai buscar apreender por meio das práticas e discursos dos Aparelhos Ideológicos de Estado a materialização da ideologia. Por isso, mesmo que Althusser visse com bons olhos uma linguística assentada sob bases estruturalistas, “[...] só uma teoria do discurso, concebido como o lugar teórico para o qual convergem componentes linguísticos e socioideológicos, poderia acolher este projeto”

(MUSSALIM, 2011, p. 105). Neste contexto, o corte epistemológico empreendido por Saussure vai ser uma das bases da AD que tomou a Linguística como um de seus pilares, promovendo deslocamentos na interface com outros atravessamentos teóricos. Essas comparações que são frequentemente assinaladas, justificando a cisão controversa entre AD e a Linguística, em que a AD toma para si a Linguística como um dos pilares ao mesmo tempo em que se distanciam, revelando o esforço empreendido em “[...] designar o processo (histórico) pelo qual as proposições intelectuais concernentes ao campo considerado criam, retomam e tentam dominar a temporalidade de seu desenvolvimento¹¹” (PUECH, 2004, p. 125, tradução nossa).

Mas com o lançamento de ELG, a situação não mais se torna tão simples como comumente apregoada e os deslocamentos e controvérsias entre a AD e a linguística saussuriana se acentuaram, já que as leituras de Pêcheux e seus pares em relação a Saussure se deram no contexto de recepção específico do estudo do mestre genebrino:

[...] a Historiografia lingüística [...] que não nos deixa esquecer que a emergência da noção de “discurso” e o advento da própria AD, na França, ocorrem num momento em que se realizava a “terceira recepção” do CLG, em solo francês. O fato de que a AD tenha surgido nesse contexto contribuiu decisivamente para promover a leitura que Pêcheux fez da obra saussuriana, quando da concepção dos primeiros textos da AD (PIOVEZANI, 2008, p. 14)¹².

Na primeira e na segunda recepção do curso, desde a publicação do mesmo (a autoria não era questionada) a obra não teve repercussão significativa na França. Esta terceira recepção a que se refere Carlos Piovezani diz respeito a um período em que, depois de já ter sido descreditado pelos franceses, eis que, 40 anos depois da publicação do CLG a obra emerge como fundamental para as ciências humanas da época. Situada no contexto do final da Segunda Guerra Mundial e o apogeu do estruturalismo, quando o CLG se torna amplamente lido, vale acentuar que ainda as leituras, segundo Piovezani (2008), eram intermediadas por autores como Jakobson e Hjelmslev.

¹¹ Do original: “[...] désigner le processus (historique) par lequel les propositions intellectuelles concernant le domaine considéré créent, reprennent et tentent de maîtriser la temporalité de leur développement ” (PUECH, 2004, p. 125).

¹² Para saber mais acerca das quatro fases de recepção da obra de Saussure na França recomendamos para consulta, em francês, o texto do historiador Christian Puech (2005), ou, em

A quarta recepção de Saussure se dá com a descoberta e publicação dos manuscritos. A AD, conforme vimos, problematiza a obra saussuriana no contexto da terceira etapa de recepção do linguista genebrino. Um evento histórico, profundamente singular e significativo, ocorreu nos últimos anos: em 1996, vieram à tona novos manuscritos de Saussure, publicados em 2002, e já traduzidos para o português (Cultrix: 2004): trata-se da obra intitulada *Écrits de Linguistique Générale*. Com isso, acentua-se a discussão acerca de um Saussure que “[...] não publicou o que escreveu e não escreveu o que se publicou sob seu nome” (ARRIVÉ, 2007, p.9-10).

Para Michel Arrivé¹³, estudioso das relações entre a psicanálise e a linguística, crítico e debatedor contumaz das ciências da linguagem e dos estudos saussurianos, as críticas costumeiramente atribuídas ao Saussure do CLG não se sustentam quando lançadas em relação ao ELG. Isso porque a crítica à exclusão do sujeito falante cai por terra quando Saussure, nos ELG, critica a escola de F. Bopp justamente por ela ter atribuído à língua a existência sem considerar os indivíduos falantes. A partir dos ELG, então, Saussure, para Arrivé (2007), julgava uma conquista considerável situar língua e linguagem no sujeito falante tomado como ser humano ou como ser social.

Arrivé também condena as críticas que situam os estudos de Saussure apenas na *langue*, calcando os estudos do linguista genebrino exatamente no oposto: a *parole*. Para ele, a impressão de que a linguística da fala, do discurso ou mesmo da enunciação tenha sido deixada de lado por Saussure ou até mesmo excluída só pode ser sustentada a partir de impressões deixadas pela leitura do CLG. A oposição *langue/parole*, que teve tanta repercussão como central no projeto saussuriano a partir do CLG, nos ELG, para Arrivé, é bem menos marcada ou dicotomizada nesse outro Saussure dos novos manuscritos, em que a fronteira entre os conceitos mencionados torna-se mais “porosa”. Um exemplo, para Arrivé (2007), é quando Saussure menciona a busca em integrar na língua os fenômenos sintagmáticos previamente situados na fala.

português, a partir da retomada das postulações de Puech, o texto do linguista Carlos Piovezani (2008) cujas referências completas constam ao final do artigo.

¹³ Autor de *Linguística e psicanálise. Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999; São Paulo: Edusp, 2001) e de *Linguagem e psicanálise. Freud, Saussure, Pichon, Lacan* (Rio de Janeiro: Zahar, 1999). Em 2007 lançou *À la recherche de Ferdinand de Saussure* (Paris: PUF [Formes Sémiotiques]) ainda sem tradução para o português.

Neste contexto resta, então, uma lacuna a ser preenchida: como a AD poderia se situar a partir dos ELC? Perduraria o afastamento de um Saussure da *langue* enquanto sistema fechado sobre si? O Saussure de ELG permanece alheio a questões que extrapolam o viés estruturalista, permitindo a consideração de um exterior constituinte?

Ao reconhecer Saussure como fundador da Linguística moderna e sua ligação com o estruturalismo, a AD se distancia do autor, aproximando-se do corte epistemológico e preservando as discussões acerca da ordem da língua, mas pauta-se em estudar aquilo que foi excluído pela linguística de viés estruturalista atribuída a ele. Mas um deslocamento pode ser percebido também nas leituras de Pêcheux e seu grupo acerca dos estudos de Saussure, em um movimento que revela um Saussure antes e depois da recepção dos manuscritos para além do CLG. Dessa forma:

Se nos restringirmos a Pêcheux, observaremos que, nas reformulações da AD empreendidas por ele e pelo grupo ao seu redor, do final dos anos 60 até o início da década de 1980, a leitura que se fez de Saussure alterou-se sensivelmente: em seus primeiros textos, Pêcheux lia o CLG e enfatizava a necessidade de superar as insuficiências em torno da noção de “fala”; já nos últimos, ele refere-se também às fontes manuscritas e sublinha a necessidade de se debruçar sobre a “ordem da língua”. A história dessas diferentes leituras já está sendo feita por outrem e alhures. Por ora, resta-nos esperar pela publicação de seus resultados (PIOVEZANI, 2008, p. 18).

(Re)ler Saussure hoje – ou por uma análise (saussuriana) do discurso?

Para finalizar, remetemo-nos ao texto que nos serviu de epígrafe. É característico do trabalho de Michel Foucault fazer falar o silêncio às margens, dar voz ao constitutivo, mesmo em sua opacidade, questionar as evidências e os efeitos de verdade sobre o qual algumas redes de saber se constituíram. Enfim, é de sua analítica “chacoalhar as evidências”. Parece ter sido esta a proposta assumida por pesquisadores como Simon Bouquet, Claudine Normand e Eliane Silveira: chacoalhar as evidências sobre as quais se constituiu o trabalho e legado de Ferdinand de Saussure. Dessa maneira, a atualidade do saussurianismo reacendeu não apenas em sua tão conhecida fundação da Linguística moderna, mas também no centro da descoberta de um Saussure que faz calar a também tão conhecida crítica que se fazia ao mestre genebrino: a que ele havia deixado de fora do escopo da ciência que fundara a parte mais produtiva e instigante do objeto que dissecara: a *parole*, ou discurso, como ele mesmo chama nos ELC.

Se, para Simon Bouquet, Bally e Sechehaye criaram um pseudo-Saussure, e se o discurso nos aparece como preocupação central nos estudos do Saussure dos anagramas e redescoberto nos escritos que a próprio punho escreveu, é possível afirmar um deslocamento crucial no movimento Saussure (belíssima metáfora criada por Eliane Silveira) cujo porto mais óbvio é de uma anunciação do que mais tarde configurou-se, na França pós-estruturalista de Michel Pêcheux, como Análise do Discurso?

Carlos Piovezani atesta, sem titubear, que mesmo o Saussure do CLG fora lido pelos formuladores da AD. Segundo ele, o estruturalismo saussuriano, pelo corte epistemológico estabelecido, foi crucial ao desenvolvimento da Linguística contemporânea em todas as suas ramificações. Contudo, nessa relação, a figura de Saussure é ambivalente porque, se por um lado, é visto como “[...] um pai fundador, que amorosamente possibilitou a concepção da disciplina”, por outro, fora também um “[...] pai censor, que odiosamente interditou seu pleno desenvolvimento” (PIOVEZANI, 2008, p. 09). No que concerne às aproximações de Saussure com a AD, importa destacar, ainda sob a tutela de Carlos Piovezani, que contamos com uma deriva que, partidariamente, agremia diferentes posicionamentos no entorno dessa questão, o que coloca ora mais próximo, ora mais distante, ora esquecido o Saussure do CLG pela AD em função dos momentos históricos de sua recepção.

As fontes de que derivam os ELG nos permitem, prematuramente, pensar no que parece ter sido o grande debruçar-se de Saussure: compreender a língua e seus processos de significação. Em sucinto, parece-nos que embora o CLG seja o seu grande legado e, portanto, apresenta-se como uma contribuição não muito significativa à AD, os ELG constituem uma previsão dos desdobramentos, ao menos, das inquietações de Saussure no que se refere ao próprio da língua, da dupla essência da Linguística, da atualidade de sua fala. Aparentemente, os ecos necessários ao seu pensamento foram ressoar muito tarde, quase meio século depois de seu falecimento. Daí cogitarmos a possibilidade da descoberta de um legado discursivo advindo de Saussure.

Seria realmente apócrifo dizer que o que se fizera nesse texto fora uma espécie de itinerário apaziguador das dúvidas sobre distintos paradigmas editoriais, ou sobre pseudo-pensamentos ou pseudo-Saussures. O que então se pretende instigar, nos limites das consonâncias e dissonâncias em que teoricamente estamos situados, é o ato de (re)ler o já-dito para, quiçá, sermos envolvidos por um (novo) efeito: o outro Saussure..

Referências:

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Trad. J.J. Moura Ramos. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1974.

ARRIVÉ, Michel. **À la recherche de Ferdinand de Saussure**. Paris: PUF (Formes Sémiotiques), 2007.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Ces mots qui ne vont pas de soi: boucles réflexives et non-coïncidences du dire**. Paris : Larousse, 1995.

BOUQUET, Simon. De um pseudo-Saussure aos textos saussurianos originais. **Letras & Letras**. Uberlândia, n. 25, v. 1, p. 161-175, jan./jun., 2009.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). **Glossário de Termos do Discurso**. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. 3. reimpr. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. (Coleção Campo Teórico).

GADET, François; PÊCHEUX, Michel. Dois Saussure? In: GADET, François; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística**. 2. ed. Trad.: Bethania Mariani e Maria Elisabeth Chaves de Mello. Campinas: Ed. RG, 2010, p. 55-62.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso. 1990. **Linguagem**. Disponível em: <http://www.letas.ufscar.br/linguasagem/edicao03/traducao_hph.php>. Acesso em: 08 ago. 2015.

LIMA, George; SILVEIRA, Ederson Luís. Signos entre cursos e escritos: a Linguística e a questão da diferença em Saussure. **Diálogos Pertinentes**, Franca, v. 10, n. 01, p. 129-144, 2014.

LOPES DA SILVA, Fábio Luiz. A arbitrariedade que não se encontra. **Revista de Letras**. Curitiba, v. 56, n. 02, p. 291-300, 2001.

MALDIDIER, Denise. Elementos para uma história da análise do discurso na França. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014, p. 17-30.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística vol. 2: domínios e fronteiras**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 101-142.

NORMAND, Claudine. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A conjuntura teórica e política da análise de discurso na França: alguns elementos. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Ciência da linguagem e política: anotações ao pé das letras**. Campinas: Pontes, 2014, p. 29-32.

PIOVEZANI, Carlos. Saussure e o discurso: o *Curso de Linguística Geral* lido pela Análise do Discurso. **Revista Alfa**. São Paulo, n. 52, v. 1, p. 07-20, 2008.

PUECH, Christian. Antinomies (V. Henry) et Dichotomies (F. De Saussure) l'idée d'une – science double – dans la linguistique générale de la fin du XIX siècle. In: PUECH, Christian (Org.) **Linguistique et partages disciplinaires à la charnières des XIX et XX siècles: Victor Henry (1850-1907)**. Louvain, Paris: Editions Peeters, Bibliothèque de l'Information Grammaticale, n. 55, p. 125-150, 2004.

_____. L'émergence de la notion de 'discours' en France et les destins du saussurisme. **Langages**, Paris, n. 159, p.93-110, 2005.

ROMÃO, Lucília Maria Souza. A teoria da língua em Saussure: o *Cours* e os anagramas. In: _____. **Exposições do Museu da Língua Portuguesa: arquivo e acontecimento e(m) discurso**. São Carlos: Pedro e João, 2011, p. 25-60.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. **Escritos de Linguística Geral**. Organização de Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

_____. **Écrits de linguistique générale**. Texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler. Paris, Gallimard, 2003.

SIGNORI, Mônica Baltazar Diniz; BARONAS, Roberto Leiser. Filosofia da Linguística: três Saussure(s)? **Linguasagem**. Disponível em: <<http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/saussure/002.php>>. Acesso em: 08 ago. 2015. (paginação incerta).

SILVEIRA, Eliane Mara. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2007.

STAROBINSKI, Jean. **As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure**. São Paulo: Perspectiva, 1974.